



09 a 12 de agosto de 2021



Tecnologia dura versus humanização – percepções, no âmbito emocional e espiritual, do paciente em pós-operatório de revascularização miocárdica: um relato de caso

ID 64059

SIMONE RAIMONDI DE SOUZA², WASHINGTON ANDRADE MACIEL¹, HUGO DE CASTRO SABINO¹, RENATO ANDRÉ MARTINS¹, LILIAN SOARES DA COSTA^{1,2}, EDUARDO ANDRÉ SIMAS¹ e MÁRCIO JOSÉ MONTENEGRO DA COSTA¹

¹Instituto Estadual de Cardiologia Aloysio de Castro - IECAC, Rio de Janeiro, RJ, BRASIL

²Universidade Estácio de Sá - UNESA - Faculdade de Medicina, Rio de Janeiro, RJ, BRASIL

Fundamentos: Profissionais de saúde transitam por tecnologia, da leve à dura, habituando-se a luzes e ruídos, dispensando atenção a dados gerados, ocupando grande parte do plantão, estando habituados ao ambiente e interagindo com ele rotineiramente. Por meio de entrevista não estruturada, pertencente a uma pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética de uma unidade de alta complexidade em cardiologia do Estado do Rio de Janeiro, objetivou-se colher as percepções de um paciente em pós-operatório de revascularização miocárdica (RVM), no âmbito emocional e espiritual. Sua participação foi formalizada por meio de assinatura em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Relato de caso: R. M. A., 55 anos, masculino, branco, casado, católico, aposentado, brasileiro, natural do Rio de Janeiro, hipertenso, diabético, nefropata, angina estável, sedentário, obeso, nega tabagismo e etilismo, história paterna de coronariopatia. Refere acompanhamento prévio por cardiologista particular, que identificou necessidade de cateterismo cardíaco. Buscou atendimento na Clínica da Família, foi encaminhado para o referido exame, que evidenciou lesão obstrutiva e indicação de RVM, realizada duas semanas após sua internação. Durante a extubação, começou a despertar com ruídos desconhecidos e assustadores e, em seguida escutou “fulano, fulano, tosse pra mim!”. Começou a ver uma luz gradual e forte. Por 2 dias ficou aterrorizado com os ruídos, com a gravidade dos pacientes ao lado (seus colegas de CTI/enfermaria), que era também a sua gravidade. Embora tenha recebido medicação e suporte da equipe para seu equilíbrio emocional, crê que suas preces foram fundamentais nessa seara. Após 5 dias no centro de terapia intensiva pós-operatório, recebeu alta para enfermaria. Muito contente e agradecido, manifestou o forte desejo de desenvolver uma forma de possibilitar aos futuros operados de RVM o conhecimento prévio do que vão vivenciar, a psicossfera, a experiência intensa e paradoxal à necessidade de se manterem tranquilos e serenos. Mais uma vez, destacou a importância da religiosidade presente para fortalecimento emocional e espiritual.

Discussão: o presente relato demonstrou a necessidade da elaboração de uma estratégia de abordagem humanizada e integral de preparo, informação e esclarecimento ao paciente em pré-operatório de RVM quanto às características do ambiente em que estará, no momento em que “retornar à vida” após a cirurgia, contando com o amplo envolvimento da equipe assistencial.